ANNO XXIII DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 6 DE NOVEMBRO DE 1904 — N.º 1:073 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 274

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

RUSSIA E JAPÃO

A Russia é d'uma raça superior á do Japão? Supponhamos que sim. A raça mongolica é insusceptivel de crear e de manter, como a raça europeia, uma alta civilisação, convindo por isso, aos interesses humanitarios e civilisadores, mais a victoria russa, apezar do regimen despotico mantido ainda pelo czar, do que a victoria japoneza? Supponhamos que sim.

Porque extranho caso, então, um povo de raça inferior bate, successivamente, um povo de raça superior?

Já n'outro dia respondemos aqui a essa pergunta, mas não dissemos tudo. Ficou muito para dizer. E o jornalismo, sobretudo o jornalismo democratico, não póde limitar-se a noticiar, simplesmente, os resultados das batalhas, tomando estupidamente partido por um ou por outro dos contendores, sem tirar da propria contenda as conclusões sociaes que d'ella naturalmente derivem. E' preciso estudar e profundar a causa, antes de olhar ao effeito.

A Russia, na Europa e na Asia, tem uma area colossal de 22.391:589 kilometros quadrados, area **quarenta e uma** vez maior que a da França na Europa, seis vezes a da França com as suas colonias, duas vezes a da China, e mais de duas vezes a de toda a Europa. Só o imperio britannico a excede, pouco, aliás, em extensão, advertindo, porém, que este imperio está disperso por toda a superficie da terra, ao passo que o imperio russo constitue, do Baltico ao Pacifico, e do oceano Glacial aos seus confins meridionaes, um conjuncto compacto, sem solução alguma de continuidade, vantagem enorme, d'um alcance verdadeiramente extraordinario.

Deante d'este gigante apparece um pygmeu, o Japão, dividido em numerosas ilhas, com uma superficie total, em todas ellas, de 381:827 kilometros quadrados, e o pygmeu leva o gigante de vencida, por mar e por terra, em toda a linha!

Na lucta com o Japão, não se póde abstrahir da parte asiatica da Russia. Mas, abstrahindo mesmo d'essa parte, a extensão da Russia na Europa é ainda de 5.514:635 kilometros quadrados, onze vezes a França, dezeseis vezes a Italia ou as Ilhas Britannicas. Uma superficie mais vasta, dizia Humboldt, que a parte da lua que se vê da terra!

A Russia póde pôr em armas de 8 a 9 milhões de soldados. Como é que este colosso é batido, e corrido vertiginosamente, por um povo que só depois de grandes esforços terá conseguido pôr em campo um milhão de combatentes?

E' porque o soldado russo é inferior? Não. Estamos partindo, precisamente, da hypothese contraria. E, na verdade, o soldado russo é explendido. Não o ha melhor no mundo.

A causa é bem differente, e temos pena de não poder chamar para ella a attenção de todos os homens d'esta terra. E tão preciso era, n'um paiz em que até os republicanos zombam dos *immortaes principios!* Em que até os republicanos escrevem *que não vale a pena instruir o povo!*

Alli tem o sr. Guerra Junqueiro, no czar, nos seus ministros, nos seus generaes, nos seus governadores de provincias, admiraveis *mãos de redeas*. E tudo aquillo acredita em Deus, como o sr. Guerra Junqueiro, em opposição aos japonezes, que são, em regra, livres pensadores. Alli tem o sr. José Caldas a ignorancia popular, que tanto ama. Que bellos fructos que déram os *mãos de redeas!* Que bellos fructos que deu a ignorancia!

Pelo artigo 1.º das leis fundamentaes do imperio: «O imperador de todas as Russias é um soberano autocrata e absoluto. Deus ordena que se obedeça ao seu poder supremo, não só por medo, tambem por dever de consciencia.» Perfeito.

O *mão de redea* do céo auxilia o *mão de redea* da terra. E o *mão de redea* da terra, que, além de soberano autocrata e absoluto, no temporal, é o chefe supremo da Egreja orthodoxa, por conseguinte o soberano pontifice da enorme maioria dos seus subditos, «que exercemos aos termos da propria lei—o poder ecclesiastico autocratico, com o auxilio do Santissimo Synodo que elle proprio nomeia», auxilia o *mão de redea* do céo. Perfeito.

Esse Santissimo Synodo é uma especie de inquisição de lá. Compõe-se de oito prelados, arcebispos e bispos, e de um procurador geral secular, que representa o imperador, e que recebe o respeitabilissimo titulo de *ober-procouror*, o que, traduzido á lettra, quer dizer: *O olho do czar*. Preside ao formidavel conselho o metropolitano de São Petersburgo.

Este Synodo, esta inquisição, esta coisa medonha, recebe do imperador todos os mimos, agasalhos e prebendas. Em compensação, considera o czar como *ungido do Senhor, collocado pela mão divina na guarda e direcção do povo christão tanto sob o ponto de vista religioso como sob todos os outros*. Admiravel harmonia entre o céo e a terra!

Quem é hoje *ober-procouror*, queremos dizer: *O olho do czar*, é um tal sr. Pobiédonostzev, antigo preceptor de Alexandre III e que se tem conservado, ou se conservou até ha pouco, pelo menos, o mais intimo confidente do imperador. A esse homem, que tem direito de veto sobre as decisões da medonha inquisição, á qual pertence, entre outras coisas, a *censura*, se attribuem as ultimas carnificinas de estudantes, os ultimos desterros em massa para a Siberia, a perseguição a Tolstoï, a guerra feroz a todos quantos pensam n'aquelle desgraçadissimo paiz. Mão de redea admiravel!

E' de notar que o imperador é o verdadeiro modelo que o sr. Guerra Junqueiro procura e defende. Porque Alexandre III não é mau. Calumniam-no—sabe-o toda a gente que na Europa estuda as coisas com seriedade—calumniam-no todos aquelles que lhe imputam vicios ou instinctos perversos. Alexandre III não rouba os diamantes da corôa. Não calca aos pés, a toda a hora, a constituição do seu paiz, porque ella nem sequer existe. Elle é a lei. Elle só! Não arrasta uma existencia devassa em pandegas rasgadas, com malandrões de toda a ordem e mulheres de toda a casta. Sahe pouco do seu paiz, e, quando sahe, sahe em modestas e honestas visitas de familia, ou no exercicio das suas funcções publicas. Não vae ver dançar o can-can, nem aventurar-se em orgias de café-cantante, nas grandes capitaes da Europa. E, em qualquer caso, paga as extravagancias, se as tem, com aquillo que tira ás escancaras do thesouro publico, e não com aquillo que tira de lá sorrateiramente.

E' um homem honesto, e é, até, um homem bondoso. E' pae do seu povo. Quando apparece á frente dos soldados, diz-lhes: *Bons dias, meus filhos (Zdorovo, rebiata!)*

Os soldados dizem a cada instante: *Boje, Tsaria krani! (Deus proteja o czar.)*

E' honesto, é bondoso e é patriota. Deseja o bem da Russia. Não é um cynico, indifferente aos destinos da terra em que nasceu.

E' um *mão de redea* modelo. Se o sr. Guerra Junqueiro o apanhasse mandava a republica para casa do diabo.

D'onde lhe vem então o mal? Vem-lhe d'elle representar um regimen inferior, em relação áquelles que possuem os povos que teem com a Russia conflictos de interesses e de territorios. Vem-lhe, precisamente, d'elle ser um *mão de guerra*, n'uma epocha em que os *mãos de redea* estão para os regimens democraticos como as malas-postas para a viação accelerada.

Eu tenho pena, repito, de não poder chamar para este ponto, n'um paiz desorientado, desvairado, onde os homens de maior talento parecem, por vezes, idiotas, eu tenho pena de não poder chamar para aqui a attenção de toda a gente.

Uma vez um padre, escrevendo em resposta a um artigo em que eu affirmava que o exercito portuguez, sendo um exercito de analphabetos, é, fatalmente, um exercito inferior, dizia: «Mas tambem o exercito portuguez d'Aljubarrota era um exercito de analphabetos!»

Não me admirei. Mas, mais tarde, vi, com pasmo, que o sr. José Caldas tinha o criterio da bestiaga do padre!

Em egualdade de circumstancias, Alexandre III seria, talvez, um grande imperador, a Russia uma grande nação e o seu exercito um grande exercito. E quando digo em egualdade de circumstancias, quero dizer: se as outras nações possuissem o regimen absoluto, ou despotico, por que a Russia se governa. Mas o que matou a Russia foi a desegualdade em que ella se encontrou.

Essa desegualdade é sempre funesta a um povo, ou seja uma desegualdade em progresso, ou seja uma desegualdade em retrocesso. Se um povo se avançou notavelmente aos povos que o cercam, succumbe, como succumbiu a Grecia, como succumbiu Roma, porque esse progresso era incompativel com o estado geral. Se retrograda, notavelmente tambem, succumbe pelo mesmo motivo, como ha de succumbir a Russia, se não se apressar a ganhar o que perdeu, como ha de succumbir Portugal, necessariamente.

O *mão de redea* é um perfeito desvario do sr. Guerra Junqueiro. Alexandre III, a inspirar-se no Santo Synodo, nos conselhos de sua mãe, e de varios fidalgos e favoritos que o cercam, collocou a Russia em taes condições de inferioridade em relação a um povo livre, onde são milhões de boccas a falar, milhões de cerebros a pensar, milhões de iniciativas a surgir, onde os grandes problemas, e as grandes ideias, se expõem, e se debatem, desafogadamente, no jornal, no livro, na conferencia, na rua, na cathedra, na tribuna, que a Russia não podia deixar de succumbir. Por maior que fosse a cabeça de Alexandre e a dos seus favoritos. Esse valor só é decisivo em condições eguaes, isto é, face a face com outro povo governado por outros despotas e outros favoritos.

D'esta pequenissima reflexão se esqueceu o sr. Guerra Junqueiro, como o sr. José Caldas quando, para concluir *que não valia a pena instruir o povo*, comparou o valor civico dos alfayates do tempo de D. Fernando com o valor civico dos alfayates d'estes dias.

Como o brutinho do padre, quando comparou o valor do exercito analphabeto d'Aljubarrota com o valor do exercito analphabeto do reinado do sr. D. Carlos I, que Deus guarde. Então, todos os alfayates e todos os exercitos da Europa estavam nas mesmas condições. E eram differentes os processos de fazer guerras e revoluções. Um burro, então, valia por um comboio, e um arrieiro pelo melhor dos machinistas.

Pobres de nós, se estamos condemnados a ficar no arrieiro e burro!

COMMEMORAÇÃO

Realisou-se no penultimo sabbado, em Aveiro, fez hontem oito dias, a *festa* commemorativa da morte d'alguns dos militares, que foram victimas dos pretos d'Angola. E chamamos-lhe *festa*, porque a parte principal da commemoração foi verdadeiramente *festiva*, sem lhe faltar, até, a notasinha d'arraial, que, verdade verdade, não só era dispensavel, como, muito decorosamente, deveria ter sido supprimida. Foi uma mistura de profano e divino, de risos e lagrimas, de aldeia e cidade, de exploração politica e sentimento de piedade, onde o que menos avultou foi o respeito sincero ao nome e á memoria dos que morreram. O que, acima de tudo, estes nomes exigiam, era que, por desproposito de manifestações ou exaggero de consagrações, os não sujeitassem ao ridiculo.

E n'essa linha de commedimento, circumspecção ou bom senso, não se souberam manter, infelizmente, os patriotas da terra.

Ninguem em Aveiro se poderia, nem deveria, negar a um titulo de homenagem, e respeito, á memoria dos que morreram. Ninguem se negaria. Nem era justo, nem era humano. Mas, para isso, era necessario que os patriotas fossem modestos, como os proprios mortos, e fossem discretos. Queremos dizer: que collocassem a homenagem, ou a consagração, em proporção com o feito, e não se abalançassem a excessos que só visam, verdadeiramente, a pôr em evidencia os vivos. Acima das vaidades de familia, das especulações de partido, das sympathias pessoaes dos amigos, d'um patriotismo doentio, que anda desvairado, como tudo, n'este paiz, está a verdade, está a justiça, que se não póde, sem revolta, melindrar, nem offender. Ora os patriotas offenderam a verdade e a justiça. E offenderam-na tratando, em geral, muito mais de satisfazer sentimentos ruins dos vivos, do que de render um preito sincero á memoria honrada dos que morreram. Esta é que é a grande verdade! Doa a quem doer.

Para commemorar o triste acontecimento, e para o commemorar condignamente, bastaria uma sessão solemne n'um dos edificios da cidade. Uma coisa mais imponente do que a conferencia realisada no sabbado á noite, mas do mesmo genero.

A que veio a febre das missas, essa tremenda hypocrisia, essa velharia em que ninguem acredita?

A que veio a mudança do nome da rua do Alfena, e a inauguração da lapide, com musica, foguetes e vivas aos influentes politicos da terra?

A que vem o projectado obelisco?

São os parentes e os amigos do infeliz Francisco de Rezende que se querem engrandecer, e honrar, á custa do morto?

São os partidarios politicos d'esses amigos e influentes, que querem especular com essa honraria?

São uns pobres diabos, que teem a monomania do patriotismo, cahindo em allucinações patrioticas que só poderão servir para tornar ridiculo aquillo que de si é respeitavel e santo?

E' tudo isso. Mas tudo isso é uma prova, sem excluir o patriotismo doentio, de sentimentos ruins.

Se todas as cidades do paiz, villas, aldeias ou logares, se lembrassem de pôr, ás respectivas ruas, os nomes dos officiaes, sargentos, cabos ou soldados, mortos nas nossas campanhas d'Africa, ter-nos-iamos convertido n'aquillo para que, aliás, temos já caminhado bastante: n'um paiz d'opereta.

Lamentamos profundamente que Aveiro fosse a terra do paiz que até hoje mais se tem salientado n'essa nota comica.

Sob o ponto de vista da heroicidade militar, não ha differença alguma entre o soldado e o official. Nem sob o ponto de vista moral, nem sob o ponto de vista legal. Um e outro são honrados, e consagrados como heroes, quando praticaram actos de heroes. Um e outro deixam de ser honrados, consagrados, mencionados como taes, quando não praticaram feito que se distinga dos actos communs. Ora morrer simplesmente no campo da batalha nunca foi considerado um acto de heroicidade.

Os patriotas d'Aveiro não mudariam, sem duvida alguma, cathegoricamente o affirmamos, o nome d'uma rua pelo nome de qualquer dos mortos das campanhas africanas, nascidos n'esta terra, que tivessem morrido nas condições de Francisco de Rezende, se elles fossem simples soldados, simples filhos do povo. Nem lhes iriam pôr lapides na casa em que nascessem. Ora eis a injustiça! E é contra essa injustiça, é contra um acto de caracter puramente pessoal, que nós vivamente protestamos, e, comnosco, estamos certo, a grande maioria da cidade.

E' a primeira vez, desde que está á frente dos negocios municipaes, que nós censuramos o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto. Mas hoje censuramo-lo com toda a energia da justiça, offendida e affrontada.

O militar, se é profissional, não tem direito algum a homenagens por lhe acontecer um desastre da sua profissão. Tem-o, se commetteu acção fora do vulgar. Mas se foi uma simples bala que o apanhou, nem mais, nem menos merece, que o marinheiro que de bordo do seu navio cahe ao mar, ou um pedreiro que, do alto d'um andaime, se veio esmagar n'uma calçada. Ha uma differença. Sabem qual é? A familia do pobre marinheiro, ou do pobre pedreiro, fica, ou póde ficar, a morrer de fome. A do militar profissional fica com a pensão de sangue, que é a mais elevada que as leis conferem.

Eis a differença.

E' preciso reagir, á valer, contra essa tendencia irritante, que vae em todo o paiz, de mudar os nomes de todas as ruas para os dos amigos, e compadres. Não ha galopim eleitoral de monta n'este paiz que não tenha o nome estampado n'uma rua. O nome do marquez de Pombal, que enche uma historia, raramente se encontra nas esquinas das ruas ou praças das cidades do paiz. O nome d'esses cynicos, de mediocridade intellectual, que nos ultimos annos teem sido ministros d'estado, encontram-se em toda a parte.

O que succede com o marquez de Pombal, succede com Affonso d'Albuquerque, Pacheco, Francisco d'Almeida, os nossos grandes guerreiros e navegadores. Em compensação, não ha aventureiro nenhum das *modernas africas*, que não dê o nome a ruas, largos, praças e monumentos.

E' simplesmente revoltante.

De resto, e voltando outra vez ao caso de Aveiro, somos nós o primeiro a prestar a nossa homenagem de respeito á memoria de Francisco de Rezende e dos seus companheiros d'armas. Merecem-n'a. Não é contra elles que nós nos levantamos. E' contra as especulações e contra as tolices dos vivos, especulações d'uns e tolices d'outros, porque alguns foram sinceros, que bem poderam, ao menos, deixar de misturar as philarmonicas e os foguetes com as missas, fazendo rir o mundo á custa das pobres victimas do dever.

Que o bom senso, e a intelligencia da população d'Aveiro, se imponha, terminantemente, a essas especulações, e a esses ridiculos.

ELEIÇÕES MUNICIPAES

E' hoje que se realisam as eleições municipaes em todo o paiz, á excepção de Lisboa e Porto. E confirma-se que por Aveiro será apresentada apenas uma lista progressista, não disputando os franquistas, alliados com os homens da Vera-Cruz, a eleição.

Refere-se que a primeira idéa dos franquistas foi ir á urna, com auxilio dos da Vera-Cruz e tambem do sr. Mattoso. Mas o sr. Mattoso, adquirida a certeza de que a lista Carmo-Vera-Cruz seria derrotada, mesmo com o seu auxilio, derrotada na propria freguezia da Oliveirinha, deu ao diabo o que não podia haver por amor de Deus, e, manhoso, fingiu que, como *progressista*, protegia a lista da reeleição. E os franquistas ficaram com cara de asnos, queremos dizer: com a cara que teem. Idiotas, como sempre, andaram a encher a bocca com os *tres doutores*, para darem n'isto, afinal: Os *tres doutores* eram Mattoso, Barboza de Magalhães e Jayme Lima. Eram elles que dispunham do corpo eleitoral. Elles é que tinham a eleição na mão. Assim o proclamavam, alto e bom som, os idiotas. Afinal, para que o proprio Athanasio de Carvalho fosse reeleito foi preciso que o sr. Mattoso garantisse que elle não era progressista de modo algum. A influencia dos *tres doutores* ficou reduzida a isso. Depois da *revolta do nabo* e depois da vinda do João Franco!

Não ha quéda mais vergonhosa em tão pouco tempo. A colligação Carmo-Vera-Cruz está definitivamente liquidada. E liquidada para sempre.

E por isso mesmo que está liquidada, a nossa liberdade de acção será mais completa do que nunca. Quer-nos parecer que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto não vae fazer tão bom logar como já fez. E isto por um motivo simples: porque s. ex.ª presidiu até agora a uma camara que surgira d'um partido em minoria, e em opposição. Agora s. ex.ª preside a uma camara governamental e apoiada por um partido *triumphante*. Quem conhece os homens e a politica sabe a differença que isto representa.

E', pois, provavel, que a camara hoje eleita vá ser, sobretudo, uma *camara politica*, ao contrario da antecedente, que foi, sobretudo, uma *camara administrativa*.

Pois se metterem por esse caminho, escusam de contar comnosco.

E' claro, isto é um simples calculo, um *palpite*, da nossa parte. Póde ser que nos enganemos. No emtanto, mais vale prevenir do que remediar.

Fiquemos n'isto: se a camara hoje eleita, ou reeleita, fôr uma camara liberal, e tratar dos interesses municipaes como tratou até hoje, póde contar com o nosso mais caloroso applauso. Mas se começar a servir compadres, como é provavel, ou se commetter algum acto liberticida, conte com a nossa decidida opposição.

E ouçam: se ha terra de provincia onde existe opinião, essa terra é Aveiro.

Não se esqueçam.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprae **A OSMOND**

Cartas d'Algures

4 DE NOVEMBRO.

Resumindo o exposto nas minhas ultimas cartas, temos:

1.º Que os primeiros culpados da falta de aproveitamento dos alumnos são os paes, que não educam os filhos, que os não disciplinam, que os não estimulam, antes os impellem, ou pelo menos os auctorisam, no caminho da indisciplina, do relaxamento, da mandrice, da anarchia brava em que vamos.

2.º Que os segundos culpados são os professores, cujo estado mental e moral é deploravel, salvas as excepções, como em tudo. Uns não sabem, outros não querem. A sua profissão não é um sacerdocio. E' um meio de ganhar a vida. Como para todos os burocratas, civis ou militares, d'este desgraçado paiz. E muitos, que teem vontade e que teem talento não teem preparação, o que vem a redundar na mesma: não sabem ensinar.

Salvas as excepções, outra vez o repetimos.

3.º Que os programmas, os quadros d'estudos e horas, os defeitos da lei, emfim, que para os criticos constituem o grande mal, são para nós apenas os ultimos culpados.

Ainda ante-hontem nós lêmos, no *Dia*, que o defeito *principal* da nossa instrucção secundaria está nos programmas. E o mesmo jornal terminava por uma invocação ao sr. Pereira de Miranda, vendo no senso pratico d'este illustre pedagogo, estadista, publicista, uma solida garantia de que a lei de instrucção secundaria, que ha de apparecer, será uma lei essencialmente pratica, *fugindo a doutrinarismos metaphysicos e a preceitos inapplicaveis ao nosso meio.*

Com este criterio, imaginem os leitores onde nós iremos parar. Com esse criterio e com a *esperança* do sr. Pereira de Miranda!

O sr. Pereira de Miranda é que vae agora saber que, no fim de contas, a sua escola de commercio é muito menos *pratica* do que a tal escola *metaphysica*, que de todos os estabelecimentos litterarios e scientificos do paiz vomitou, na politica, os homens contra os quaes um illustre progressista, o sr. Hendall, achou necessario apitar, em pleno parlamento.

Praticamente, o sr. Pereira de Miranda não terá nada que lhes ensinar, antes terá tudo que apprender com elles. Em *deve* e *haver* não ha nada mais pratico que os politicos portuguezes. Não *dão* nada. E *arrecadam* tudo.

Metaphysicos! Oh que grandes ratões! Que grandes ratões! Querem uma lei de instrucção secundaria que acabe com os *doutrinarismos metaphysicos*. Elles—e falamos de todos os politicos monarchicos em geral, sem visar nenhum em particular—elles nunca conheceram senão o interesse, senão o meio *pratico* de enriquecer muito e depressa. Para elles a patria, o ideal, foi sempre uma coisa secundaria, quando não foi uma coisa desprezivel. E declaram-se *metaphysicos!*

Virgem Santa,—permitta-se a um atheu esta invocação deista—o que serão elles quando deixarem de ser metaphysicos?

Estremecemos de susto!

4.º Que o fim exclusivo de toda a campanha contra a lei de instrucção secundaria, é, apenas, abrir largo campo á rapaziada, que quer galgar depressa, e sem custo, os degraus da escada que leva á *meza do orçamento*, unico *preceito*, afinal, *applicavel ao nosso meio*. E tanto assim é, que ao par e passo que se faz uma formidavel campanha sobre instrucção secundaria, ninguem dá pio sobre instrucção primaria. E' que as pobres creanças do povo não teem paes a escrever nos jornaes, nem a berrar no parlamento. Essas é que podem ser *metaphysicos* á vontade.

5.º Que, em consequencia d'esse *preceito*, um dos mais illustres filhos d'essa instrucção *metaphysica* que não tem dado homens praticos, queremos dizer: *que se saibam governar*, o sr. Abel d'Andrade, candida creatura que tem passado a vida a fazer versos á lua, vae facilitar, ao que se diz, a lei de instrucção secundaria, com applauso de gregos e troyanos, e para isso começará por simplificar no todo, e reduzir em parte, o latim, sob um chuveiro de agradecimentos e bençãos nacionaes, porque o latim era uma das disciplinas mais *duras de roer*, ameaçando assim, o mesmo sr. Abel de Andrade, tornar-se em pouco o homem mais popular d'este paiz.

6.º Que concordando eu em que o latim não seja obrigatorio para os que se dediquem a cursos geraes de agricultura, commercio ou industria, não concordo em que o não seja para todos aquelles que se dediquem a cursos especiaes ou superiores, sejam elles de que natureza fôr. N'essa parte nem com a lei franceza me conformo, que dispensa o latim aos que se destinam ás carreiras que exigem, sobretudo, conhecimentos scientificos.

Não é por falta de traficantes que este paiz se afunda. Traficar sabem elles, e de grande. Muito mais do que era preciso. Se a falta do latim augmenta o numero dos *homens praticos*, venha o latim. No estado moral em que estamos, e sendo certo que o latim não faz mais ignorantes do que aquelles que existem, antes homens que façam versos do que homens que trafiquem. Sim, sim. Antes metaphysicos do que traficantes. Eu ainda preferiria o traficante intelligente. Mas isso é coisa rara.

Estas são, até á ultima carta, as conclusões estabelecidas por mim. Começava a entrar em outras. Ia principiar a analysar o resultado das vantagens que se vão conceder aos estabelecimentos de instrucção particular. Deveria continuar hoje. Mas peço licença para uma interrupção.

Faz depois de ámanhã, no dia em que esse jornal se publíca, em 6 de novembro, 132 annos, que se publicou uma lei grandiosa, verdadeiramente immortal, que um povo culto inscreveria em lettras d'oiro na sua historia. Dia de gala nacional, de honra, de gloria. E, comtudo, ha de passar despercebido. Antes assim. Se não passasse despercebido poderia a vergonha ser maior. Arriscava-se a passar amaldiçoado!

Foi em 6 de novembro de 1772, que um homem, então como hoje incomprehendido d'esta terra, alma aqui desterrada, espirito errante, que um acaso trouxe e um acaso levou, teve, pela primeira vez em Portugal, a idéa clara, nitida, brilhante, de que sem povo não ha patria, sem povo consciente, sem povo instruido, sem povo educado, e de que a sua grande obra reformadora, a sua obra patriotica por excellencia, a sua obra de humanidade, seria ephemera, seria perdida, se os pequeninos, os humildes, o povo, não crescesse, não se elevasse, não se engrandecesse, para lh'a aguentar nos hombros robustos.

Ah! Deixae-me a mim, que tambem tenho o quer que é de metaphysico, no sentido que os pygmeus, da hora triste que vae correndo, dão a esse termo, o quer que é de sonhador, como os cynicos arrieiros, das cumeadas do poder, chamam aos que conservaram um bocado d'alma, deixae-me a mim parar um instante na contemplação d'esse meteoro, que fulge rapido no céo da nossa patria.

Obra de humanidade, disse, e é verdade. Eu não sei se o marquez de Pombal queria fortalecer o poder regio. Eu não sei se elle era um despota. Sei que abria, de par em par, as portas do futuro. Sei que, ao mesmo tempo que abatia, a golpes de machado, as classes oppressoras do seu tempo, trabalhava, formidavelmente, na libertação, na redempção dos pequeninos. E um dos documentos, que o provam com mais verdade, com mais eloquencia, é esse celebre decreto de 6 de novembro de 1772, em que elle proclama a urgente necessidade de redimir os *rusticos*, em que elle escreve que a instrucção elementar devia ser concedida *ao maior numero de habitantes que a possibilidade permittisse, e que todos os cidadãos perante o ensino primario representavam* **as mãos e os braços do corpo humano.**

Entre um despota d'esta ordem, e um democrata, que cento e trinta e dois annos depois affirma *que não vale a pena instruir o povo*, a gente descobre-se, e curva-se, deante do despota, como um amigo da liberdade e da humanidade.

Entre esse amigo e defensor do rei, que anniquila a fidalguia e o clero, ao mesmo tempo que prepara a emancipação dos espiritos; reformando a Universidade, reformando a instrucção secundaria, e a instrucção primaria, a industria, a agricultura e o commercio, que faz delinear e executar uma obra completa de regeneração nacional, e os democratas d'estes dias, que ostentam o maior desprezo por todos os estudos e trabalhos de reconstituição nacional, que só sentem enthusiasmo por *aventuras quichotescas*, a gente não hesita em proclamar o despota um obreiro mais intelligente do progresso.

O marquez de Pombal, tão lucido e penetrante nas suas concepções, ao corrente do movimento philosophico da Europa, não podia deixar de prever as consequencias, proximas ou remotas, da sua grande obra. Todavia, poude n'elle mais o amôr da sua patria, e da humanidade, do que o amôr da realeza. Não dizemos do seu rei. Elle bem via que o poder do seu rei iria até á morte. Ora em face d'esse homem, os ministros degradados d'estes dias, que submettem patria e liberdade aos interesses exclusivos, e aos caprichos do soberano, são, verdadeiramente, quanto ha de mais vil e mais mesquinho.

Nem nos partidos monarchicos, nem no partido republicano, se descobre, infelizmente, uma unica cabeça que tenha um pouco da alta capacidade dirigente do famoso estadista. Desgraçadamente. Não temos homens de Estado. Eis porque, no dia de domingo, festejamos, orgulhoso, e saudoso ao mesmo tempo, alegre e triste, no grande marquez de Pombal, uma data solemnissima, que o paiz, abatido, não conhece, nem comprehenderia, se a conhecesse.

A sua lei de instrucção primaria, digna de tal nome, que houve em Portugal, e uma das primeiras que houve na Europa. O marquez de Pombal antecedeu a Revolução.

Como seriamos hoje um grande povo, se essa obra gloriosa não fosse interrompida!

A. B.

TRANSCRIPÇÕES

A *Resistencia*, de Coimbra, transcreveu o nosso artigo *Uma Oração de Sapientia*, e o *Jornal de Paços de Ferreira* um dos nossos ultimos artigos *A Russia e o Japão*.

Agradecemos.

Ferreira Gonçalves

Falleceu no Porto um filho d'este nobre illustre correligionario.

Os nossos sentidos pezames.

BIBLIOGRAPHIA

Vida do Grande D. Quichote de la Mancha, opera jocosa, *Guerras do Alecrim e Mangerona*, opera jocoseria, de Antonio José da Silva, o Judeu, prefaciados e revistos por Mendes dos Remedios e editadas por França Amado—editor, Coimbra—1905.

Recebemos estes dois bellos trabalhos do infeliz Antonio José da Silva, do qual ainda ha pouco, nas nossas *ephemerides democraticas*, demos noticia. Ambos os prefacios são dignos de leitura, mas sobretudo o da *Vida de D. Quichote*, onde o sr. Mendes dos Remedios, lente de Theologia, em phrase energica e levantada, sem excluir a elegancia, expõe e castiga os horrores da inquisição e do fanatismo.

*

A Mulher Homem por Dubut De Laforest, traducção de Joaquim Leitão, V volume dos *Ultimos Escandalos de Paris*, editado pela casa *A Editora*, Largo do Conde Barão 50—Lisboa.

*

Passatempo, edição dos Azmazens Grandella & C.ª, director litterario Antonio de Campos Junior. Recebemos o n.º 94. Enceta a publicação d'um romance do seu director Aguia Morta.

*

O Vintem das Escolas. Recebemos o ultimo numero, interessante, como todos.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

31 de outubro.—São guilhotinados os girondinos, 1793.

Eram 165 os deputados que, na Convenção, constituiam o partido da *Gironda*. Condorcet, Vergniaud, Buzot, Brissot, Barbaroux, Chambon, Gaution, Rolland, Guadet, Gensonné, Couvet, Isnard, Languinais, Lasource, Rabant Saint-Etienne, Kersaint, Manuel, Dufriche-Valazé e Salle, foram os mais celebres.

Como já dissémos, a distincção capital, entre girondinos e montanheses, estava em que os girondinos receiam a supremacia de Paris, e os montanheses queriam que Paris fosse a alma e a cabeça da França.

Como já dissémos tambem, d'ahi, do desdem com que os girondinos tratavam o povo, veio o odio profundo que a população de Paris lhes votou.

Outras circumstancias, porém, concorreram muito para a perda dos girondinos, que, diga-se a verdade, commetteram graves erros. E um d'elles foi o movimento insurreccional, que provocaram nas provincias. Estando presos desde 2 de junho, só em 3 de outubro, depois de ter chegado a Paris a noticia das graves revoltas de Lyon e de Toulon, foram mandados comparecer perante o tribunal revolucionario.

Nem todos os girondinos foram presos. A ordem de prisão foi dada contra 29, apenas, dos quaes oito conseguiram fugir, vindo portanto a comparecer só 21 perante o tribunal revolucionario. Eram elles: Brissot, Vergniaud, Gensonné, Lauze-Deperret, Carra, Gardien, Dufriche-Valazé, Duprat, Lillery, Claude Fauchet, Ducos, Boyer-Fonfréde, Lasource, Lesterpt-Beauvais, Duchastel, Minvielle, Lacaze, Lehardi, Boileau, Antiboul e Viger.

Os contemporaneos consideravam Brissot o mais notavel dos *girondinos*. No Tribunal Revolucionario foi a elle que concederam as honras do *fauteuil* destinado aos chefes das *conspirações*. Brissot, porém, protestava contra essa designação de chefe. E, na verdade, sendo um grande espirito, não possuia aquillo que os politicos chamam *qualidades de chefe*. Era um homem de grande cultura, tendo viajado pela Europa e pela America, estudando, apprendendo sempre. A sua politica era rasgada, larga, humana, generosa. Queria a Revolução em proveito de todas as raças, de todos os povos, de toda a humanidade.

Para a posteridade, não foi Brissot o grande homem da *Gironda*, mas Vergniaud. Vergniaud era um grande orador, com extraordinarias faculdades de tribuno. Comtudo, não era um homem d'acção. A primeira cabeça da *Gironda*, já o dissémos, era Condorcet.

O julgamento, que começara em 24 d'outubro, arrastava-se vagarosamente, quando, em 29, o Club dos Jacobinos interveio, arrancando á Convenção um decreto que auctorisava o presidente do Tribunal Revolucionario a perguntar aos jurados se a sua consciencia estava sufficientemente esclarecida. O jury respondeu que sim, em 30 de outubro, declarando os réos culpados de «conspiração contra a unidade e a indivisavilidade da Republica, contra o bem e a segurança do povo francez» condemnando-os á morte. Os accusados, assim condemnados sem defeza, ergueram-se protestando violentamente. Dufriche-Valazé suicidou-se alli mesmo, apunhalando-se em pleno tribunal.

No dia seguinte, 31 de outubro, foram conduzidos ao cadafalso, em cinco carretas, acompanhando-os o cadaver de Valazé. Déram todos provas d'uma coragem estupenda.

Quanto mais passa o tempo, mais aquelles homens todos da Revolução, homens sem eguaes, fazem o assombro do mundo.

Sobre os girondinos, como sobre todos os partidos ou grupos revolucionarios da epocha, em geral, teem-se escripto mil lendas e dado curso a phantasias sem nome. A *Histtoria dos Girondinos*, por exemplo, de Lamartine, é um acervo de mentiras.

—

1 de novembro.—Orense organisa uma legião de voluntarios hespanhoes, que defendem a republica franceza, 1871, ás ordens de Garibaldi.

O papa Sixto IV outorga a concessão pedida por Fernando e Izabel a Catholica para estabelecer a Inquisição em Hespanha, 1478.

Essa concessão foi largamente aproveitada. Estabeleceram-se sem demora 14 tribunaes do Santo Officio, em Cordova, Jaen, Toledo, Valladolid, Calahorra, Murcia, Cuenca, Saragoça, Valencia, Barcelona, Malhorca e outras cidades da Extremadura que *quatro vezes* por anno realisavam *autos de fé*, em que centenas de desgraçados eram victimas das chammas. Só em Sevilha, no anno do estabelecimento da Inquisição, se queimaram 2:000 pessoas, sendo 17:000 penitenciadas. Entre vivos, mortos e ausentes foram condemnados como herejes mais de 100:000 pessoas.

E ha *sabios* que escrevem livros a procurar as causas da decadencia da peninsula! Acham pouco o fanatismo para bestialisar, para endoidecer um povo!

—

2 de novembro.—A Assembléa legislativa, 1789, vota a proposta de Mirabeau para que os bens do clero fiquem pertencendo á nação.

Joaquim Antonio d'Aguiar, em nome de D. Pedro IV, publica, 1833, o importantissimo decreto do qual sahiu a reorganisação da instrucção publica em Portugal, de que foi verdadeiro inspirador João Baptista d'Almeida Garrett.

Esse decreto começava assim:

«Sendo o ensino publico *elemento principal da civilisação dos povos*, aquelle que os governos despoticos *mais procuram comprimir ou perverter*, para conservar a especie humana *abysmada na ignorancia de seus direitos*, como infelizmente acaba de acontecer em Portugal, onde o governo do usurpador da corôa de minha augusta filha, destruindo ou viciando todos os estabelecimentos litterarios, desde a Universidade de Coimbra até á ultima escola elementar do reino, e prescrevendo d'elles os sãos principios da religião, da moral e da natureza, e fins da associação civil, tentou com o apoio do fanatismo e de suas reprovadas maximas e doutrinas não só produzir calamitosos tempos d'erro e de crimes, mas apagar de todo o nobre ardor com que os portuguezes seguiam o caminho da regeneração da sua patria, e sustentavam os foros e liberdades, que eu me glorio de haver restaurado, e faze-los descer *á mais funesta de todas as barbaridades, aquella que provem da decadencia dos conhecimentos e da degradação dos homens;* attendendo, etc.»

Como se vê, os chefes do constitucionalismo eram bem menos reaccionarios, e bem mais intelligentes, que o sr. José Caldas, chefe republicano actual, inimigo encarniçado da instrucção do povo.

—

3 de novembro. (1)—Morre em Lisboa, 1862, á meia noite, o grande tribuno, grande patriota e democrata, José Estevão Coelho de Magalhães.

José Estevão nasceu em Aveiro, a 26 de dezembro de 1809. Era filho do medico Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, homem de muito talento tambem, patriota e liberal ardente como seu filho. Andava cursando a Universidade de Coimbra, e estava matriculado na faculdade de direito, quando, dando-se o golpe de Estado de D. Miguel, os estudantes se revoltaram contra essa tentativa reaccionaria, aliás coroada de bom exito, organisando o celebre batalhão academico. José Estevão, um dos mais enthusiastas iniciadores da revolta academica, correu logo a Aveiro, (referem alguns biographos) para fomentar aqui uma insurreição. Já Joaquim José de Queiroz, porem, havia levantado o grito da liberdade no Largo da Cadeia, onde está hoje erguida a estatua ao grande tribuno.

Aveiro tem a gloria de haver sido a primeira terra de Portugal, como diz Soriano a pags. 304 da Parte II—tomo II—Terceira Epocha da *Historia da Guerra Civil*, que se insurreccionou contra o despotismo. E mais: a gloria de ter sido aqui que se tramou todo o movimento revolucionario de 1828. Foi na loja maçonica de Aveiro que José Joaquim de Queiroz, veja-se a obra citada de Soriano pags. 297, propoz colligar os commandantes e officiaes de varios corpos do exercito contra o despotismo. Foi d'essa loja que elle fez expedir emissarios de confiança para diversas terras do reino, onde se achavam estacionados, ou já em marcha, os batalhões de caçadores 7, 9 e 10, os regimentos n.º 6 e n.º 18 de infanteria, e outros. Foi elle mesmo que escreveu, pelo seu proprio punho, a maior parte das cartas para os officiaes d'esses corpos, industriando os portadores da correspondencia com muita habilidade.

José Joaquim de Queiroz, homem de grande talento e influencia, foi avô do grande escriptor Eça de Queiroz, ao qual transmittiu o genio dos povos d'esta região. Era natural d'este concelho, como seus paes, irmãos e filhos. Teve um irmão, liberal ardente tambem, que, segundo diz Pinheiro Chagas no seu *Diccionario Popular*, vol. 10 pags. 148, foi o primeiro actor do seu tempo, sendo considerado pelos actores de Lisboa *um verdadeiro oraculo na arte dramatica*. Foi tambem auctor dramatico, escrevendo numerosas peças de theatro. Chamava-se Fernando José de Queiroz e veio a ser, segundo refere ainda Pinheiro Chagas, carcereiro da cadeia de Aveiro, quando, pobre e doente, lhe faltaram recursos para mais.

Outro filho illustre de Aveiro, ou d'uma illustre familia aqui residente, pelo menos, (Almeidinha) que desempenhou notavel papel no movimento de 28, foi João de Souza, capitão de caçadores 10, que morreu na batalha *Cruz dos Moroiços*, á frente da sua companhia, n'uma carga famosa, em que a companhia, quasi inteira, morreu com elle.

Vencido o movimento liberal d'essa epocha, José Estevão emigrou, com os seus companheiros d'armas, para a Galliza, d'onde embarcou para Plymouth, passando d'aqui á ilha Terceira, onde tomou parte nos famosos combates travados alli. Da ilha Terceira veio para o Porto, com os sete mil e quinhentos *bravos* do Mindello, enchendo-se de gloria na defeza d'aquella cidade contra as tropas miguelistas.

Democrata enthusiasta, acolheu com fervor a revolução de setembro de 1836, como todas quantas houve depois entre nós contra o despotismo monarchico. Assim, associou-se a todos os movimentos contra os Cabraes, pegando em armas em 1844, 1846 e em 1851, adherindo n'esta epocha, francamente, á Regeneração.

Em todos os seus discursos affirmou sempre os mais rasgados e abertos principios liberaes, sendo considerado um *verdadeiro democrata*—era este o nome que lhe davam—por Rebello da Silva, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, Bulhão Pato, por todos os homens illustres, emfim, que teem escripto sobre o grande tribuno. Pinho Leal, que não era nenhum tolo, vae mais longe. Tratando de Aveiro, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, chama-lhe sempre *republicano*. José Estevão foi dos que inscreveram o seu nome no monumento levantado no cemiterio do Alto de S. João—veja-se *Historia das ideias Republicanas em Portugal*, por Theophilo Braga—ao primeiro republicano portuguez, a José Felix Henriques Nogueira, *apostolo ferveroso da liberdade, egualdade e fraternidade, strenuo defensor da doutrina democratica e da ideia da federação politica das Hespanhas*, que são as palavras gravadas no monumento. E mais estas: *O futuro julgará suas opiniões e as de muitos que lhe sobrevivem.*

Foi preciso que nós chegassemos á aviltante decadencia actual, para que os francaceos d'Aveiro, dos quaes faz parte o proprio filho do grande tribuno, declarassem José Estevão seu *propheta e precursor*. E uma cidade, que tem as nobres tradicções d'esta terra, ouve affrontas d'essas, sem correr a pau a cambada, sem deitar fogo ao ninho reaccionario que aqui se formou.

Não dá supremacia local aos bandoleiros, é certo. Mas não lhes deita o fogo, ás serpentes venenosas, não como obra de intolerancia, mas como obra de defesa, de limpesa, de desinfecção.

—

D. Miguel manda fechar, 1829, as lojas de livros de Jacques Orcel e Antonio Lourenço Coelho, de Coimbra, por conterem á venda *obras não só reprovadas e prohibidas, mas até famosas, assim por errados principios e absurdo encarecimento de futuras opiniões, como pela grande parte que tiveram nas comoções e perturbações que tão deploravelmente teem agitado ha quarenta annos o mundo religioso e politico.*

Já no mesmo dia 3 de novembro, mas de 1823, a *Junta da Directoria geral dos Estudos e Escholas do reino* julgava indispensavel que os ministros criminaes dos bairros de Lisboa, e os territoriaes, não consentissem o vender quer nas lojas quer nas feiras os livros prohibidos e que o administrador da alfandega e dos mais portos e raia secca os não admitta a despacho, tendo a maior cautella em examinar que os titulos d'elles não sejam fingidos e suppostos, e isto attendendo a: «Que é bem conhecida a terrivel e extraordinaria Revolução litteraria e doutrinal que n'estes ultimos annos e actualmente tem tão fundamentalmente attentado contra as opiniões estabelecidas, propagando novos e inauditos principios e sentimentos politicos, philosophicos e juridicos, derramados para ruina da Religião e do Imperio e das Sociedades, como já reconheceu a Carta de Lei de 17 de dezembro de 1794.»

—

4 de novembro.—Revolução em Lisboa, 1836, conhecida na historia por *Belemzada*, a favor da constituição de 1822.

E' assassinado Agostinho José Freire.

Em Setembro tinha havido a revolução conhecida na historia por *Revolução de Setembro*, contra a Carta, que era um logro, e a favor da Constituição de 1822, que a Rainha, por imposição de Passos Manuel, se tinha visto obrigada a jurar. E' claro que a rainha ficou desde o primeiro instante á espera da desforra, espreitando o momento de atraiçoar o juramento feito.

Cahia a tarde do dia 3 quando a côrte saiu das Necessidades para Belem, onde—veja-se *Portugal Contemporaneo*, tomo II, pags. 76, de Oliveira Martins—os regimentos de Lisboa foram juntar-se, sem ordem do governo, obedecendo aos generaes conspiradores. Rodeada de soldados, á sombra dos navios inglezes, a rainha sublevada mandou chamar os ministros. Estes não foram. Delegaram Vieira de Castro, e sem rebate, caladamente, fizeram reunir a Guarda Nacional. O delegado voltou dizendo que tinham feito bem em não ir, porque o plano era prende-los e que estava triumphante a contra-revolução. —Isso não! exclamou Passos.

Entre os varios partidarios da rainha, chamados a Belem, figuravam Joaquim Antonio d'Aguiar e Agostinho José Freire. Aguiar foi ás escondidas, aconselhando a Agostinho José Freire que fizesse o mesmo. Este, que era militar, não quiz. Fardou-se, aperalvilhou-se, metteu-se na sua carruagem e partiu.

Ao fundo da ladeira ingreme da Pampulha, um posto de Guarda Nacional fez parar a carruagem. Corridas as cortinas, reconhecido o personagem que ia dentro, um tiro matou immediatamente o infeliz Agostinho José Freire, que tantas vezes no campo da batalha affrontara as balas miguelistas.

O cadaver foi arrastado, espicaçado, crivado de tiros, um horror.

Agostinho José Freire fôra ministro da guerra na ilha Terceira e no cerco do Porto. Fôra tambem ministro do reino e da marinha Joaquim Antonio d'Aguiar, esse metteu-se pacatamente n'um bote, vestido á futrica. Ainda assim reconheceram-no e pozeram varios botes em sua perseguição. Mas salvou-se, devido aos pulsos dos quatro remadores, estimulados por elle com promessas de farta recompensa.

Passos Manuel, que estava na rua á frente do povo revoltado, foi chamado ao Paço, onde encontrou a rainha cercada dos embaixadores da Belgica e da Inglaterra, de varios pares do reino e conselheiros d'Estado. Disseram-lhe que a rainha não podia consentir na abolição da carta, mas que estava disposta a reforma-la. Passos respondeu que tendo sido nomeado ministro com a constituição de 22, só com ella governaria. E tendo sido ameaçado, pelo ministro inglez, com a esquadra ingleza que estava no Tejo, repelliu altivamente essas ameaças. Foi então que, tendo-se calado tudo, D. Fernando perguntou insolentemente: *Monsieur le roi Passos, comment vont vos sujets à Lisbonne?*

A rainha, depois de ter visto a vida em grave perigo, que só foi salva graças ao valor com que Passos Manuel se atravessou na ponte de Alcantara, dizendo ao povo que só chegaria a Belem passando por cima do seu cadaver, viu-se obrigada a transigir. Mas para faltar a tudo outra vez, pouco depois.

Nos povos latinos, a realeza constitucional tem sido sempre assim.

—

5 de novembro.—São fusilados em Cuba, 1873, os revolucionarios a favor da independencia da ilha: Verona, Bembetta, Cespedes, Jesus del Sol e mais 56 companheiros.

—

6 de novembro.—Batalha de Jemmapes, 1792, em que o povo derrota novamente os reis da Europa colligados. A batalha foi iniciada ao canto da *Marselheza*.

D'esta batalha resultou a posse da Belgica para os francezes.

—

E' promulgada pelo marquez de Pombal, 1772, a 1.º lei de instrucção primaria. Veja-se *Carta d'Algures*.

O nome do nosso amigo e velho correligionario José Marques d'Almeida appareceu na lista progressista publicada no *Progresso de Aveiro* como um dos candidatos apresentados ao suffragio pelo partido progressista da localidade.

Estamos auctorisados a declarar que o nosso amigo rejeitou a tempo a inclusão do seu nome n'essa lista, não acceitando em caso algum a eleição, se, por ventura, por qualquer circumstancia chegar ainda a ser eleito.

«Mocidade Republicana»

Recebemos este novo jornal republicano, de Vizeu, que se apresenta bem redigido.

Desejamos-lhe prosperidades e venturas.

Corridas

Promovido pelo *Recreio Artistico* realisam-se hoje pelas 3 horas da tarde as annunciadas corridas. Ha bastantes corredores de fama inscriptos, o que tudo leva a crer que serão muito disputados os premios, todos elles de grande valor artistico.

A falta de espaço com que ha tempos vimos luctando, obriga-nos a não poder publicar o programma das corridas como era nosso desejo.

GRAVE!

Recebemos a carta que se segue, para a qual chamamos a attenção do sr. governador civil. O auctor da carta tem carradas de razão. Por isso mesmo voltaremos a este assumpto no proximo numero:

Sr. redactor.—Ha muito que tencionava chamar a attenção de v. para um caso, que dia a dia se vae aggravando sem que ninguem por elle se interesse, incluindo os que tem a tal respeito deveres a cumprir e obrigações a satisfazer.

Refiro-me ao abandono completo em que está a fiscalisação da sanidade publica, havendo um delegado e um sub-delegado de saude, estando o primeiro ausente ha muito e o segundo mal lhe chegando o tempo para a sua clinica particular.

Chamamos a attenção de s. ex.ª o sr. governador civil para este condemnavel desleixo, que está trazendo graves consequencias á população d'esta cidade, que está a alimentar-se de carne e peixe pôdre, e como diz o *Campeão*, bebendo aguas inquinadas, e soffrendo graves perturbações aquelles que comem, d'uma determinada vendedeira do mercado, que ninguem sabe d'onde os consegue, enchidas de carne de porco.

Além d'isto, que é gravissimo, não ha a mais pequena cautella com as pessoas atacadas, e mortas, de molestias infecciosas.

Ha poucos dias falleceu, na rua do Gravito, Balbina dos Anjos, tuberculosa, mandando a familia despejar a palha do enxergão junto á capella da Senhora das Febres, sendo pouco depois essa mesma palha levada por um individuo, que, por certo, a applicou a outra cama. O sarampo está invadindo assustadoramente os bairros pobres, chegando a fallecer quatro creanças n'um dia. Não se toma sequer uma providencia tendente a modificar esta estuação.

A continuar assim, teremos de recorrer ao ex.mo sr. inspector geral de saude, que tem já provas seguras de quanto vale o seu delegado aqui, e pedir a s. ex.ª que obrigue cada um a cumprir o seu dever e não só a receber os respectivos proventos.

Como as cousas estão é que não pódem continuar por principio algum, rogando a v., sr. redactor, me acompanhe n'esta justa cruzada.

UM SEU LEITOR.

---

(1) Outros contam a morte de José Estevão no dia 4. Assim o faz Oliveira Martins, no *Portugal Contemporaneo*.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200

Album, ou livro contendo as licções da *Catilhà Maternal* em ponto grande . . . . . 5$000

Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões. . . . . 6$000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200

Guia prático e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sôbre o Méthodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado. 500
A Cartilha Maternal e a Crítica. 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escriptu.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÈ ESTEVÃO—79

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encommendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1$600 a 3$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; vellas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.or

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Concerta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; óbtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA

(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relogios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO